

EXPRESSÃO DA CONSCIÊNCIA ANIMAL NA PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA NO AGRONEGÓCIO

*ANIMAL CONSCIOUSNESS EXPRESSION IN BEEF PRODUCTION IN THE AGRO-
INDUSTRY*

Luzia de Kassia Rocha de Souza ¹

Submetido em: 01-12-2024

Aceito em: 20-08-2025

RESUMO: O objetivo central deste trabalho é visibilizar a expressão de consciência dos animais bovinos no abate legal em empreendimentos do agronegócio. Elaborado a partir de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: entrevista, observação participante, anotações em diário de campo e registro fotográfico. A partir do amparo da revisão bibliográfica e da observação de abates dos bovinos em plantas frigoríficas, são analisadas as expressões de consciência animal nas etapas pré-abate, sendo possível constatar que os animais expressam sofrimento e desespero em todas as etapas, acentuando o desespero e a resistência em seguir para o abate na ocasião da aplicação da pistola de insensibilização, que antecede a morte.

Palavras-chave: Pecuária; sentiência; sofrimento; Tocantins.

ABSTRACT: The main objective of this study is to visualize the expression of consciousness of bovine animals in legal slaughter in agribusiness enterprises. Based on bibliographical and field research, the following research techniques were used: interview, participant observation, field diary notes and photographic record. From the literature review and observation of bovine slaughters in cold storage plants, are analyzed the expressions of animal consciousness in the pre-slaughter stages, being possible to verify that animals express suffering and despair at all stages, accentuating the despair and resistance to go for slaughter at the time of the application of the gun of stunning, which precedes death.

Keywords: Livestock; sentience; suffering; Tocantins.

¹ Doutora e Mestra em Geografia, especialista em Educação em Direitos Humanos, Assistente Social. Coordenou o Núcleo de Estudos em Direitos Humanos (NEDIH) da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). Realizou monitoramento dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Articulou a construção do Plano Decenal Estadual dos Direitos de Crianças e Adolescentes do Tocantins.

1. INTRODUÇÃO:

A organização produtiva de carne em vigência ocorre sob as bases do agronegócio funcionando em escala global. O agronegócio desenvolve atividades econômicas diversas, como monocultura de grãos, silvicultura, pecuária, extração mineral, extração vegetal. A pecuária comercial é uma das principais atividades do agronegócio no mundo, portanto considerar a capacidade dos animais de sofrer no contexto da produção de carne em ampla escala, torna-se um grave desafio, visto que, neste caso os animais são tratados como matéria-prima para produção de carne e não como seres conscientes capazes de sofrer. Nesse sentido, o objetivo do artigo é visibilizar a expressão de consciência dos animais bovinos no abate legal em empreendimentos do agronegócio.

Para a construção deste trabalho (que é desdobramento da tese Agronegócio e a crueldade contra os animais na produção de carne bovina em Tocantins) foram realizadas pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo e utilizadas as seguintes técnicas: entrevista, observação participante, registro fotográfico e anotações em diário de campo. Dividido em quatro partes, além da introdução e considerações finais o texto é composto por dois subtítulos: “A favor da expressão da consciência animal: analogias e constatações científicas” em que há comparações entre o comportamento humano e a etologia dos animais no que diz respeito a expressão da consciência; o segundo subtítulo: “Abate legal: evidência da consciência e expressão da consciência animal” apresenta a análise dos dados da pesquisa de campo em que foram observados 6 (seis) abates em duas plantas frigoríficas estaduais em Tocantins.

Na contextualização do sofrimento dos animais, há explanação sobre o movimento da pecuária estadual relacionado a reprodução da pecuária global, como informações sobre a capacidade de abate de cada um das plantas, número de animais abatidos na produção estadual por dia, e as etapas pré-abate que são banho de aspersão, insensibilização com pistola, e a sangria.

Por meio de texto e fotografias, no segundo subtítulo há o empenho em visibilizar as expressões de consciência dos animais nas etapas pré-abate. Através da leitura visual das fotos e da análise dos argumentos textual, é possível constatar que, dentre as etapas pré-abate, um momento que os animais expressam significativo desespero é na aplicação da pistola de insensibilização, sendo possível verificar que, 1 (uma) entre cada 3(três) insensibilizações são ineficazes, isto em decorrência da grande resistência de alguns dos animais ao passarem por esta etapa que antecede a sangria, ou seja a morte.

As plantas analisadas neste trabalho, realizam todas as etapas obedecendo os critérios do Abate Humanitário, do pré-abate ao abate, sendo assim, a carne da produção estadual formal atende as normas sanitárias e de bem-estar animal do Ministério da Agricultura. Contudo no contexto produtivista do agronegócio, a demanda exacerbada por animais para a produção de carne em ampla escala provoca a grande densidade de animais enfileirados para serem insensibilizados e mortos, sendo assim, a expressão de desespero dos animais em todas as etapas da produção fica sempre evidente, desde a vida produtiva nas fazendas, no transporte da fazenda ao frigorífico, no curral de descanso do frigorífico e principalmente acentua o desespero na ocasião do abate.

2. A FAVOR DA EXPRESSÃO DA CONSCIÊNCIA ANIMAL: ANALOGIAS E CONSTATAÇÕES CIENTÍFICAS

No âmbito da produção de conhecimento científico, a evidência da senciência dos animais está melhor estabelecida do que a evidência da consciência. Não há, atualmente, estudo que elucide o conteúdo exato sobre a consciência dos animais não-humanos, embora exista confirmação científica da expressão de consciência nos animais em diferentes níveis, conforme as espécies. A comparação entre a expressão de consciência da espécie humana e a consciência das demais espécies não-humanas ocorre no âmbito de pesquisas tanto para conhecimento sobre a consciência dos animais quanto para conhecimento da consciência da própria espécie humana. Este item destaca contribuições de pesquisadores com analogias e evidências científicas a respeito da expressão da consciência dos animais

De acordo com Ades (1997, p. 131): “antes de Darwin, Aristóteles, Montaigne, Hume outros defenderam a existência de processos mentais análogos aos do ser humano, uma ideia que remonta ao senso comum”. Ainda, segundo Ades (1997, p. 130):

O caráter indubitável de estar consciente fez com que, durante muito tempo, a Psicologia se definisse como a ciência dos fenômenos conscientes e tornou natural que, ao considerar os animais como objeto de pesquisa, fosse efetuada a tentativa de entender-lhes a consciência, mais ainda quando veio a teoria darwinista trazer argumentos a favor da continuidade entre os animais e o ser humano. Um olhar espontâneo dirigido aos animais pode mostrá-los semelhantes a nós, inclusive nas características subjetivas. Darwin (1871) escreve com uma certa paixão: o homem e os animais superiores têm todos os mesmos sentidos, as mesmas intuições e as mesmas sensações, têm paixões, afetos e emoções similares, até mesmo os mais complexos como o ciúme, a suspeita, a emulação, a gratidão e a magnanimidade: eles enganam e se vingam; têm as vezes o senso do ridículo e até um senso de humor; sentem espanto e curiosidade; possuem as mesmas faculdades de imitação, atenção, deliberação, escolha, memória, imaginação, associação de ideias e raciocínio, embora em graus muito diferentes.

A comparação entre a consciência da espécie humana e a expressão de consciência no comportamento das demais espécies não-humanas fundamentam estudos científicos que possibilitam afirmar que existe expressão de consciência nos animais. César Ades (1997) aduz a expressão de consciência nos animais a partir da comparação com os morcegos, no artigo intitulado “O Morcego, Outros Bichos e a Questão da Consciência Animal”. Em Silva *et al.* (2003), há comparações entre a expressão de consciência humana e a do chimpanzé no artigo “A consciência: algumas concepções atuais sobre sua natureza, função e base neuroanatômica”. Nesse sentido Vicentini (2004) ressalta que

as melhores evidências que dispomos sobre a autoconsciência em animais vêm dos experimentos com espelhos. ele afirma que: “unicamente os chimpanzés, gorilas, orangotangos, e humanos com mais de 18 meses mostram consistentemente curiosidade sobre seus reflexos em um espelho ou se engajam em um comportamento guiado pelo espelho sem treinamento.” (vicentini 2004, p. 36 apud bownds, 1999)

Rosa Luxemburgo também comparou a expressão de um búfalo em sofrimento com a expressão de uma criança da espécie humana, no trecho de “Uma Carta da Prisão a Sonia Liebkecht”, que escreveu a uma amiga, quando estava na prisão.

Durante o descarregamento, os animais permaneciam imóveis, esgotados, e um deles, o que sangrava, olhava em frente e tinha, na cara escura e nos olhos negros e meigos, **uma expressão de uma criança em prantos. Era exatamente a expressão de uma criança que foi severamente punida e que não sabe por qual motivo, por que, não sabe como escapar ao sofrimento e a essa força brutal...** eu estava diante dele, o animal me olhava, as lágrimas saltaram-me dos olhos – eram as suas lágrimas. Ninguém pode sofrer mais por um irmão querido do que eu sofri na minha impotência com essa dor silenciosa (Luxemburgo, 2024, p. 3 – grifos nossos).

Ainda que os animais não sejam constituídos das mesmas capacidades humanas, como conversar, projetar e trabalhar com as mãos, eles expressam reações ao que ocorre no contexto em que está inserido “Ninguém precisa de pensamentos de alto-nível para ter experiência consciente das coisas. Tudo o que se precisa é a experiência da coisa. Estados conscientes são aqueles que nos fazem conscientes das coisas.” (Vicentini 2004, p. 36 apud DRETSKE, 1995, p. 116).

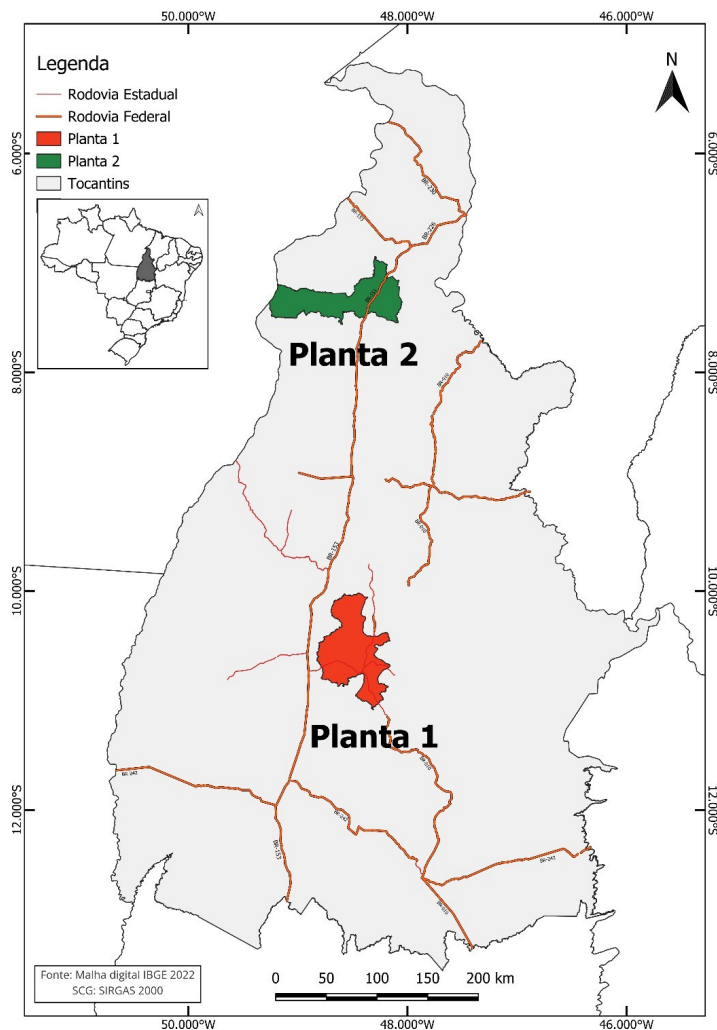
Observar a expressão de consciência nos seres vivos não-humanos pode despertar a consciência humana para a empatia e o sentido de unidade. As argumentações a respeito da consciência dos animais neste texto, almeja dar visibilidade às expressões de consciência dos bovinos na ocasião do abate, na produção de carne em ampla escala no agronegócio, remetendo a reflexão sobre a expressão de consciência nos seres vivos de modo geral que compõem os ecossistema terrestre.

3. ABATE LEGAL: EVIDÊNCIA DA SENCIÊNCIA E EXPRESSÃO DA CONSCIÊNCIA ANIMAL

No contexto da expansão dominante do capitalismo a globalização da produção de carne no agronegócio ocorre por meio da fusão de empresas internacionais e resulta em uma organização produtiva de carne hegemônica e global. O movimento da pecuária comercial compreende a criação dos animais no sistema extensivo, intensivo ou de integração pecuária-lavoura-floresta, onde os animais passam à vida produtiva. Quando os animais estão no ponto do abate são vendidos para plantas frigoríficas e viajam até a planta de abate. Esse movimento ocorre de maneira semelhante nos âmbitos municipal, estadual, nacional e global. No Brasil, a pecuária comercial é inspecionada por setores específicos do Estado, por meio do sistema de controle do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Nos municípios a inspeção é feita pelo Serviço de Inspeção Municipal (SIM); no Estado, por meio do Serviço de Inspeção Estadual (SIE) e, no âmbito nacional, pelo Sistema de Inspeção Federal (SIF). Desse modo, as informações sobre a pecuária comercial de um determinado município são semelhantes e fazem interface com a pecuária comercial estadual, nacional e global.

Para debater sobre a expressão da consciência dos animais na ocasião do abate para a produção de carne, são tomadas como exemplo duas plantas frigoríficas com registro no Serviço de Inspeção Estadual do Tocantins, que abatem animais criados no sistema de pecuária extensivo. As duas plantas frigoríficas em que são observados os abates estão denominadas por Planta 1 e Planta 2, trata-se das duas plantas que possuem a maior capacidade de abate no âmbito estadual. No mapa que segue é possível verificar a localização das plantas frigoríficas onde foram realizadas as entrevistas, observações e registro fotográfico.

Mapa 5 - Planta 1 e Planta 2



Fonte: pesquisa de campo (2023)

O abate de animais em plantas frigoríficas para produção de alimentos é legal. A definição de abate está preconizada na Portaria n.º 365, de 16 de julho de 2021, no Art. 4.º inciso I: “abate: processo intencional que provoque a morte de um animal, no âmbito de estabelecimentos regularizados pelos serviços oficiais de inspeção, cujos produtos são destinados ao consumo humano ou para outros fins comerciais”. Nesse sentido, a partir dos dados coletados em pesquisa de campo e em pesquisa bibliográfica, busca-se refletir sobre a crueldade perpassada no abate legal em empreendimentos estaduais do agronegócio.

Neste empenho, a seguir serão dispostas análises em torno de questões como, a proporção do abate de bovinos nas plantas estaduais; os desafios no âmbito do abate legal de bovinos; e a expressão de consciência dos animais a respeito da morte. Para abordar a proporção do abate de bovinos dentro da capacidade de abate nas plantas SIE, duas questões das entrevistas efetuadas com os gerentes das plantas são ressaltadas a seguir: qual o número de animais abatidos mensalmente? Quais os principais desafios no trabalho com o abate legal de bovinos?

De acordo com o gerente da Planta 1: “ocorrem abates três vezes por semana. São abatidos entre cem a cento e cinquenta animais, podendo chegar até duzentos e cinquenta animais, depende da demanda de compra e venda. Mas, o corriqueiro é cento e cinquenta animais a cada dia de abate” (informação verbal, 2022)². Dessa maneira, o movimento comercial comum nos frigoríficos, nos sete dias da semana, ocorre da seguinte maneira: em um dia os animais viajam e descansam e no outro dia são abatidos. São, então, três dias na semana de viagem e descanso e três dias na semana de abate, restando um dia em que não há movimento. Considerando a média citada pelo gerente da Planta 1, de cento e cinquenta animais por abate, os três dias de abate por semana totalizam uma média de mil e oitocentos animais abatidos por mês.

Sobre as principais dificuldades em trabalhar com o abate de animais, o gerente da Planta 1 destacou o seguinte: modal rodoviário ruim, falta de treinamento técnico continuado para todos os envolvidos na cadeia produtiva de carne e, principalmente, “a oferta de animais vivos para a venda, que entre outros problemas pode ser em decorrência

² Entrevista fornecida por A. B. - Encarregado pelo abate Planta 1 - novembro de 2022.

da seca; em 2022, por exemplo, tem sido um ano de gado magro” (informação verbal, 2022)³. Ao encontro da dificuldade enfatizada pelo gerente dessa Planta, a Fieto (2018), em relação à agroindústria no Tocantins, explica:

No âmbito das agroindústrias, o Estado conta com frigoríficos com Sistema de Inspeção Federal (SIF), Estadual (SIE) e Municipal (SIM). Algumas plantas trabalham com capacidade ociosa, principalmente devido à menor integração da agroindústria com a produção no campo, que acaba por dificultar a manutenção de bovinos suficientes para abastecer seu parque industrial (FIETO, 2018, p. 59).

Nota-se que, quando a produção no campo se relaciona com a indústria, a demanda por matéria-prima excede ao que existe à disposição, é exatamente este o movimento da produção em ampla escala, a pecuária comercial demanda mais animais vivos do que a produção no campo mantém em condições legais para o abate.

Sobre a proporção do abate na Planta 2, o movimento durante a semana é o mesmo que o da Planta 1, ou seja, em um dia os animais viajam e descansam e no outro dia são abatidos. Desse modo, conforme o gerente da Planta 2: “são três abates por semana, sendo cento e quarenta animais a cada dia de abate podendo chegar até a duzentos animais, depende da demanda” (informação verbal, 2022)⁴. Nessa ordem, são em média quatrocentos e vinte animais abatidos por semana, totalizando média mensal de mil seiscentos e oitenta animais abatidos.

Em relação ao número de animais abatidos, há diferença entre a Planta 1, que abate ao mês uma média de mil e oitocentos animais, e a Planta 2, que abate uma média de mil seiscentos e oitenta animais. A diferença é de cento e vinte animais. É possível inferir que as plantas frigoríficas analisadas não realizam exatamente o mesmo número de abate, mas em proporções aproximadas.

Sobre as principais dificuldades em trabalhar com o abate legal de animais, a resposta do gerente da Planta 2 foi a seguinte: “as muitas exigências e fiscalização em todos os âmbitos” (informação verbal, 2022)⁵. Vale lembrar que, de fato, a existência do

³ Idem

⁴ Entrevista fornecida por G. L. - Gerente da Planta 2 - novembro de 2022.

⁵ Idem.

abate clandestino, por vezes, é justificada pela recorrência da incidência de impostos sobre as diversas etapas da produção de carne, pelas fiscalizações sobre o bem-estar animal e sobre a questão sanitária, exigidos no abate legal.

A respeito do número de animais abatidos, cabe lembrar que trata-se da produção estadual para a comercialização somente estadual, ressalta-se que não seria possível manter uma escala de produção de carne com capacidade de abate de 150 a 200 bovinos por dia, como ocorre nas plantas fiscalizadas pelo Serviço de Inspeção Estadual em Tocantins (SIE), se não fosse a “industrialização da pecuária”.

Ou seja, a utilização de tecnologia para automação de máquinas e equipamentos, por exemplo, o gancho que suspende um animal de grande porte, como um bovino, pela pata com a cabeça para baixo para que seja realizada a sangria. Se o abate fosse, por sua vez, realizado sem o emprego da tecnologia seriam animalicídios diários de 150 a 200 animais por meio de métodos primitivos: pauladas, machadadas, tiros e esquartejamentos sem nenhum critério técnico e sanitário. Portanto, quanto maior a subjugação especista tecnológica, maior a capacidade de abate nas plantas frigoríficas.

Nesse sentido na Planta 1 e na Planta 2 o abate ocorre dentro dos padrões do Abate Humanitário, com as devidas inspeções “ante-mortem” e “post-mortem”. Para melhor elucidar o sentido de Abate Humanitário é oportuno mencionar o conteúdo da Portaria N.º 365/2021, Art. 4, inciso X, o qual define abate humanitário: “conjunto de operações baseadas em critérios técnicos que assegurem o bem-estar dos animais desde o embarque na propriedade de origem até o momento do abate, evitando dor e sofrimento desnecessários”.

Sendo assim, embora haja sofrimento em todas as etapas da produção de carne – desde as fazendas, passando pelo transporte, chegando ao curral de descanso e terminando no abate –, importa ponderar que, nos empreendimentos pesquisados, as etapas são realizadas, conforme determinam as instruções referentes ao Abate Humanitário. Ou seja: estadia no curral de descanso; banho de aspersão; insensibilização à pistola pneumática de dardo cativo penetrante, com o animal contido em um box de metal; levantamento do animal pela pata traseira; realização de sangria. Todo o procedimento segue o tempo e as

orientações do Ministério da Agricultura.

Entretanto, ainda que os empreendimentos do agronegócio obedeçam aos critérios do Abate Humanitário, cabe frisar que os animais expressam consciência na ocasião do abate, ao ponto de uma em cada três insensibilizações observadas não funcionar imediatamente por motivo de resistência ao abate por parte do animal. Vale ressaltar que a insensibilização por pistola pneumática de dardo cativo penetrante ocorre imediatamente na maior proporção dos animais e a determinação desse método em lei é muito significativo no processo de evolução moral da espécie humana em termos de consideração ao sofrimentos dos animais.

Contudo, nas observações participantes em pesquisa de campo (2022 – 2023), constatou-se grande sofrimento de animais em atordoamento ineficazes, ocasião em que o “pino” da pistola não adentrava a testa do animal e, portanto, não se realizava a insensibilização. Com isso, a expressão de desespero dos animais acentuava-se, mesmo após os funcionários conseguirem aplicar a pistola de insensibilização, alguns animais expressavam resistência, mugiam, agonizavam, apesar de estarem suspensos pela pata, de cabeça para baixo; resistiam ao abate até o momento da sangria.

Constatou-se que, no frigorífico, os animais expressam consciência da própria morte, antes mesmo da chegada ao box para insensibilização. Desse modo, sobre senciência e consciência animal, cumpre explicar:

Um ser senciente tem a capacidade de sentir, importa-se com o que sente e experimenta satisfação e frustração. Seres sencientes estão conscientes de como se sentem, onde e com quem estão e como são tratados. Possuem sensações, como dor, fome e frio, além de emoções, como medo, estresse e frustração. Percebem o que está acontecendo com eles, aprendem com a experiência, reconhecem seu ambiente, têm consciência de suas relações, são capazes de distinguir e escolher entre objetos, animais e situações diferentes, assim como avaliam aquilo que é visto e sentido e elaboram estratégias concretas para lidar com isso (Ataíde Júnior; Silva, 2020, p. 158, apud Andrade; Zambam, 2016, p. 150).

Nem todos os seres sencientes expressam, pelo comportamento, o mesmo nível de consciência. Existem seres, por exemplo, que são sensíveis, mas não são sencientes, como as plantas. Assim, os seres vivos podem ser sensíveis, sencientes e conscientes, tal como os

seres da espécie humana são, entretanto, em diferentes níveis de consciência: “baseado em Charles Darwin, Gary Francione afirma que quaisquer diferenças entre humanos e animais não-humanos são diferenças de grau, ou quantitativas, e não de tipo, ou qualitativas (Ataíde Júnior; Silva, 2020, p. 164).

Sendo assim, os níveis de consciência de todos os seres sencientes ainda não são dominados cientificamente, no entanto, as expressões no comportamento dos animais são analisadas no âmbito das ciências, desde os primórdios da medicina, para a evolução de estudos psíquicos e neurológicos utilizados nos seres humanos.

Nesse contexto, a expressão do comportamento dos bovinos, nas etapas de pré-abate no frigorífico, atesta a consciência acerca de seu fim, ainda que os animais nunca tenham ido, em suas vidas produtivas, a um frigorífico; no entanto compreendem o que está a sua volta, isso porque “um ser senciente é capaz de avaliar as ações de outros em relação a si e a terceiros [...] de avaliar riscos e de ter sentimentos e consciência” (Ataíde Júnior; Silva, 2020, p. 158, apud Broom, 2007- 2013).

Por conseguinte, na observação em pesquisa de campo (2022-2023), realizou-se registro fotográfico que evidencia as expressões de desespero dos animais e a consciência da própria morte, desde a formação da fila para o banho de aspersão até o momento da sangria.

O registro fotográfico que segue indica as expressões dos animais nos momentos que precedem o abate. As imagens estão sequenciadas na seguinte ordem: corredor largo para o banho de aspersão; saída do banho de aspersão; corredor estreito de entrada no box de insensibilização; sangria.

Antes de se apresentar a relação de imagens, cabe pontuar alguns detalhes para auxiliar na compreensão da sequência de fotos e nas expressões de consciência dos animais. Nesse sentido, o corredor para o banho de aspersão é de concreto fechado e largo; fica entre o curral de descanso e o banho de aspersão. Após o banho de aspersão, os animais seguem por corredor estreito onde é possível passar somente um animal até chegar ao box para insensibilização.

Fotografia 1 – Corredor para o banho de aspersão Planta 1



Fonte: Pesquisa de campo (2022)

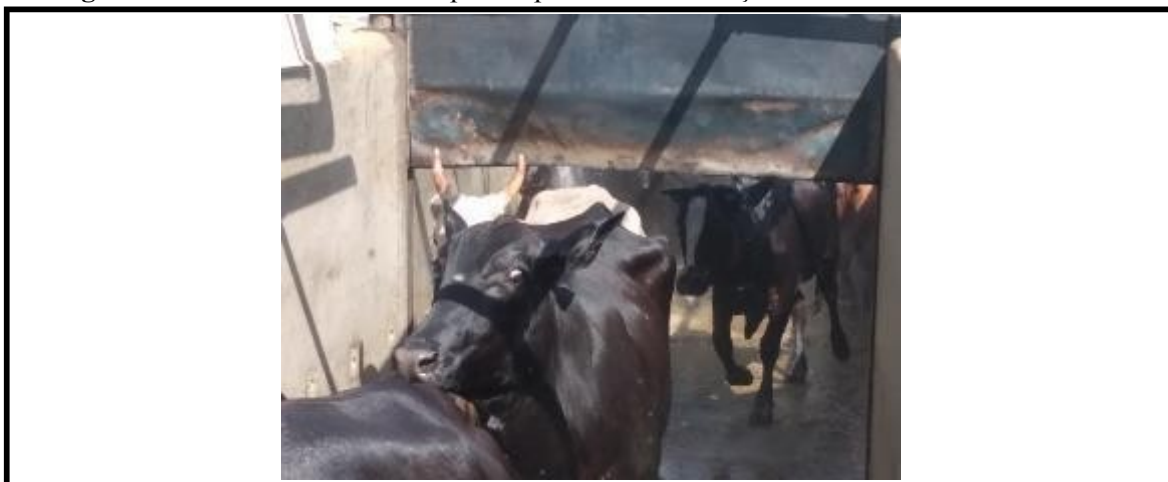
A fotografia 1 deste quadro foi realizada quando os animais andavam enfileirados. No corredor cabem três animais, um ao lado do outro. Quando estavam na metade do corredor, os animais começaram a atravessar o caminho e tentaram voltar, como pode ser visto nas fotos 1 e 2 do quadro. Então o manejador interferiu para que os animais seguissem em frente, como pode ser constatado nas fotos 3 e 4, onde se verifica que os animais provocaram tumulto diante do portal, pois os que seguiam na frente tentavam voltar, mas o manejador conseguiu fazê-los seguir para o banho de aspersão.

Na saída do banho de aspersão, para o corredor estreito que antecede o box de insensibilização, a expressão dos animais mudou significativamente. Movimentos de ansiedade e tensão estavam nas expressões corporais dos animais; mas as expressões mais marcantes estavam nos olhos e nas narinas, as pálpebras se abriram de modo incomum (os olhos ficavam arregalados), as narinas indicavam ofegância.

O desespero, muito evidente dos animais, o comportamento de resistir a não seguir em frente, fizeram com que houvesse intervenção dos manejadores. A tensão dos animais sugere a consciência de que algo, como o término de suas vidas está próximo a acontecer.

A leitura atenta das fotografias, considerando os rotos e os olhos dos animais, nas fotografias que seguem, sinaliza para o semblante de desespero indicado pelas pálpebras dos olhos, totalmente erguidas, mostrando, de modo incomum, a parte branca dos olhos.

Fotografia 2 - Saída do banho de aspersão para insensibilização Planta 1



Fonte: Pesquisa de campo (2022)

Na sequência, nas fotografias do próximo quadro, veem-se os animais entrando, enfileirados, no corredor estreito que antecede a insensibilização. Ressalta-se que, nesse corredor, só é possível entrar um animal por vez.

Para auxiliar na leitura acerca da expressão de consciência dos animais seguem alguns destaques: nas fotos 1 e 2, nota-se o olhar dos animais voltado para trás; nas fotos 3, 4, e 5, o animal que segue em frente vira a cabeça para trás, como se estivesse protegendo a cabeça entre o próprio corpo e o corredor, ou não quisesse olhar para frente; nesse momento o animal parece interagir com o outro animal que vem atrás, por meio do gesto de

tocarem entre si os focinhos. Na imagem 6 o animal obedece ao manejador e segue em frente.

Fotografia 3 – Corredor final para a insensibilização



Fonte: Pesquisa de campo (2022)

No quadro de fotografias, na sequência, o animal coloca a cabeça entre a parede e o próprio corpo para resistir à aplicação da pistola penetrante. Nessa ocasião, o animal também emite mugidos de dor e desespero, como se estivesse chorando. A resistência de alguns animais dá muito trabalho ao profissionais que operam a pistola penetrante, os quais tentam, seguidas vezes, insensibilizar um animal que não quer morrer. Nas situações em que há resistência por parte dos animais para passar de uma etapa para outra, no manejo pré-abate, são utilizados os bastões de choque para que o animal obedeça.

15

Fotografia 4 - Animal Resistindo a insensibilização



Fonte: Pesquisa de campo (2022)

Na próxima fotografia é possível ver o animal cedendo à insensibilização, quando retira a cabeça e deixa-a na altura da pistola penetrante.

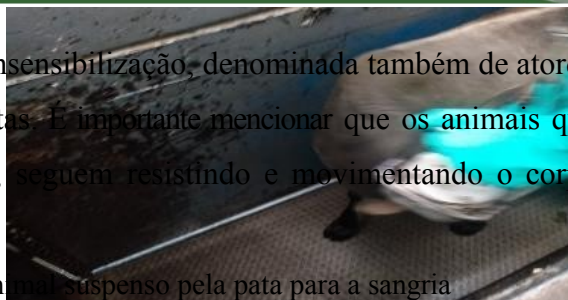
Fotografia 5 - Animal sendo insensibilizado por meio da pistola penetrante



Fonte: Pesquisa de campo (2022)

Após a insensibilização, denominada também de atordoamento, o animal é suspenso por uma das patas. É importante mencionar que os animais que resistem muito na etapa da insensibilização, seguem resistindo e movimentando o corpo, mesmo estando suspensos pela pata.

Fotografia 6 - Animal suspenso pela pata para a sangria



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A imagem que segue mostra o momento da sangria, em que se realiza, manualmente, por meio de uma faca, a secção dos grandes vasos do pescoço do animal; em seguida é feita a interrupção do fluxo sanguíneo e, conseqüentemente, se dá a morte do animal.

Fotografia 7 – Sangria



Fonte: Pesquisa de campo (2022)

Vale lembrar que a expressão de consciência dos animais sobre a própria morte remete ao conteúdo do livro, de Victor Hugo, *Le dernier jour d'un condamné* (*O último dia de um condenado*), publicado em 1829. A obra é escrita como protesto à sentença de morte. Narra a história de um homem condenado à morte, descreve os seus tormentos, angústias e sentimentos durante a jornada que antecede sua morte, parte da condenação até a execução da sentença.

Por meio da narrativa do universo subjetivo de um condenado à morte, Vitor Hugo (1829) transporta os leitores para o lugar de quem é sentenciado à morte. Coloca-os a par do quanto é horrível estar consciente da própria morte, do quanto é injusto e desumano condenar uma pessoa à morte e deixá-la ciente de como ela se dará, quando e onde. Embora o livro de Vitor Hugo trate da subjetividade e da consciência da espécie humana, é importante apontar que a evolução da espécie humana no âmbito da ciência, do direito, da saúde partiu também do conhecimento sobre o comportamento dos animais e de suas peculiares semelhanças com a espécie humana.

Acrescente-se que as fotografias que focalizam expressões acerca da consciência dos animais sobre a própria morte podem remeter ao texto de Victor Hugo, na medida em que o abate formal pode ser comparado a uma ‘pena de morte’ aos animais, imposta pela produção em ampla escala, na pecuária comercial, em empreendimentos do agronegócio. Situação que também se assemelha ao que ocorria com as pessoas em campos nazistas de concentração.

Evidenciar a expressão de consciência dos animais no abate legal não objetiva necessariamente insuflar na sociedade ideias e hábitos vegetarianos, simplesmente, mas despertar a consciência da espécie humana para a construção de uma sociedade que não aceita a banalização do desespero e sofrimento de seres sencientes, que não aceita a destruição da vida em ampla escala, que rejeita padrões de consumo que implique em crueldade desnecessária contra seres vivos, sencientes, conscientes e que expressam medo e interesse em permanecer vivos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O desespero dos animais na fila para o abate atesta que na organização produtiva de alimentos atual, os animais são tornados mercadorias vivas com valor de troca, contudo, expressam desespero ao perceberem que estão na fila para o abate, porque são seres sencientes e consciêntes, e ao expressarem sofrimento na acosião da insensibilização para o abate expressam que percebem o que ocorre no ambiente ao seu redor, e a consciência extamente está relacionada a percepção.

Embora as fotografias e a descrição textual das expressões dos sentimentos dos animais utilizadas neste trabalho apoiem a discussão, não são suficientes para demonstrar a significativa tensão, sofrimento e desconfiança dos animais que ocorre no abatedouro. A expressão corporal dos animais se transforma, especialmente as palpebras e as narinas se movimentam em uma constância incomum, se comparada a expressão dos animais quando estão, por exemplo, no curral de descanso do frigorífico. Mas a expressão de medo se inicia logo na entrada do corredor para o banho de aspersão, pois eles atravessam o caminho e tentam retornar, na etapa seguinte, que é a insensibilização por meio da pistola é que os animais se negam a passarem e se deixarem ser insensibilizados.

É importante ressaltar que, os animais não resistem ao abate com mesma intensidade, alguns nem resistem a insensibilização, outros resistem significativamente, ao ponto de não permitirem serem insensibilizados, tornando o procedimento ainda mais desesperador, estes animais mais resistentes a morte requerem várias tentativas de insensibilização por parte do manejador, e seguem se debatendo e mugindo até serem suspenso pela pata e terem a gargata cortada por uma faca.

Analisar o sofrimento dos animais de produção na acasião do abate, não pretende esvaziar o sentido de abater animais para produção de alimentos, nem mesmo desmerecer evazivamente a produção de carne, mas sim almeja despertar a consciência humana para a capacidade de sofrer e de expressar consciência que os seres vivos possuem. Desse modo, refletir sobre a crueldade contra os animais na produção de carne no contexto da pecuária hegemônica global, pode ser útil para despertar a responsabilidade humana de construir ideias

em torno de alternativas contra-hegemônicas à produção de carne e limentos de modo geral, que considere a capacidade dos seres sencientes de sofrer.

REFERÊNCIAS:

- ADES, César. O Morcego, Outros Bichos e a Questão da Consciência Animal. **Psicologia USP [online]**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 129-158, nov. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000200007>. Acessado em: 13 Janeiro de 2024.
- ATAÍDE JÚNIOR, Vicente de Paula; SILVA, Débora Bueno. Consciência e senciência como fundamentos do direito animal. **Revista brasileira de direito e justiça**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 155-203, jan.-dez.2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/direito/article/view/16534> Acessado em: 21 de dez. 2022.
- BRASIL. **Portaria Nº 365/2021** Aprova o Regulamento Técnico de Manejo Pré-abate e Abate Humanitário e os métodos de insensibilização autorizados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-365-de-16-de-julho-de-2021-334038845> acessado em: 05 maio de 2023.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO TOCANTINS - **Carne bovina**: plano estratégico para as cadeias produtivas do agronegócio no Estado do Tocantins: 2018. 2027. Palmas - TO - 2018. Disponível em: <http://www.fieto.com.br/DownloadArquivo.aspx?c=3dca57b5-ce00-4865-bcb0-ffc915ecc905> acessado em 20 de julho de 2023.
- HUGO, Victor **Le Dernier jour d'un condamné**. Édition de Roger Borderie. Paris: Gallimard, 2000.
- LUXEMBURGO, Rosa. Uma carta da prisão a Sonia Liebknecht. **Germinal**: marxismo e educação em debate, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 439–442, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/38451>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- VICENTINI, Max Rogério. A respeito da possibilidade da consciência animal. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v.2, n.1, p.31 - 38, jan./jun., 2004.